

O ENSINO DA HISTÓRIA POR MEIO DOS JORNAIS ANTIGOS: AS IMAGENS ACERCA DOS ATORES POLÍTICO-PARTIDÁRIOS À ÉPOCA IMPERIAL

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

Estudo das visões expressas por segmentos da imprensa rio-grandina acerca da vida político-partidária imperial e a utilização de tais perspectivas como fontes e objetos de pesquisa a serviço do ensino da História.

PALAVRAS-CHAVE: História, ensino, pesquisa, imprensa.

ABSTRACT

Study on the visions expressed by segments of the press in Rio Grande city about the imperial party-political life and the use of such perspectives as sources and objects of research for teaching History.

KEYWORDS: History, teaching, research, press.

Ensinar na atualidade, seja qual for a área do conhecimento humano, vem constituindo um desafio cada vez maior. Desmotivação discente, carência de recursos e precariedades de toda ordem no ambiente escolar e a desvalorização profissional dos docentes são apenas alguns dos fatores que poderosamente contribuem para um sério prejuízo das relações de ensino-aprendizagem na sala de aula. Quando se trata de ensinar História, tais obstáculos só tendem a aprofundar-se ainda mais, tendo em vista a escassa carga horária dedicada às ciências humanas e a pequena importância normalmente destinada a tal área do saber, colocada entre as “disciplinas menores” ou “periféricas”, amplamente menoscabada em relação a outros saberes considerados como prioritários, numa clara manifestação da reminiscência dos muitos períodos autoritários vividos pelo Brasil e mesmo do pouco gosto das autoridades governamentais em

* Professor da FURG; doutor em História – PUCRS; pós-doutorado junto ao ICES (Portugal).

conviver com uma população mais esclarecida no que tange às chamadas humanidades. Além disso, os diversos “vícios” formados ao longo do tempo nas formas de promover o aprendizado da ciência histórica trazem consequências indelévels e efeitos que deitam raízes até a contemporaneidade.

Uma dentre as tantas possibilidades de promover-se algum tipo de transformação no ensino da História pode dar-se através de uma constante renovação nas fontes utilizadas para ensinar/pesquisar os fundamentos de tal ciência. Nesse sentido, nas últimas décadas, vem ocorrendo uma ampliação do campo da história ensinada por meio da busca de temáticas novas e da pluralização das fontes utilizadas, de modo que os professores têm incorporado um diversificado número de materiais e problemas, evitando assim a exclusão de diversos sujeitos e ações históricas tradicionalmente operada pelos manuais e programas de ensino (FONSECA, 2011: 161). Trata-se, portanto, de uma busca por trazer às escolas o desenvolvimento dos estudos históricos promovido nas universidades (PINSKY, 2009: 7), numa verdadeira transposição didática do saber acadêmico para aquele promovido junto ao ensino fundamental e médio (MONTEIRO, 2007: 85), vencendo as resistências que inevitavelmente podem surgir, bem como estimulando as concordâncias, na busca de um processo de renovação (ABUD, 2007: 107).

Tal utilização de novas fontes pode levar em consideração a concepção renovadora do documento e de seu uso na sala de aula, de modo que o trabalho com documentação histórica possa ser encarado como um ponto de partida para a prática do ensino da História, bem como a oportunidade de que o professor possa ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias ao “saber-fazer” História (SCHMIDT, 2009: 117; SCHMIDT, 2010: 57). Dessa forma, é fundamental que tais objetos de estudo apareçam em todas as suas mediações e contradições, buscando-se reconstruir suas razões de ser a partir de suas próprias naturezas e fazendo emergir toda a trama de relações sociais que os constituem (BORGES, 1986: 33-34). Um desses documentos que podem ser levados direta/indiretamente à sala de aula é representado pela imprensa periódica. A utilização dos jornais como fonte para o ensino da História vem encontrando cada vez mais espaço nas discussões e propostas práticas acerca do tema, notadamente no que tange ao jornalismo contemporâneo (FARIA, 1996; FARIA, 1997; FARIA; ZANCHETA JR., 2002). Tais experiências levam em conta o fato de que a imprensa escrita, como fonte e objeto de

estudo histórico, traz em si múltiplas possibilidades de análise (BITTENCOURT, 2011: 335). Essa prática de ensino-aprendizagem deve trazer em si a necessária superação das dificuldades advindas do trabalho com os periódicos, uma vez que, ao levar o pluralismo para a sala de aula, o jornal também leva para a escola uma história truncada, num quadro pelo qual surge o papel do professor que, com as opções de que dispõe ou escolhas que faz, é capaz de ensinar o aluno a ordenar e compreender o caos aparente (ABUD; SILVA; ALVES, 2010: 29-30).

Tais cuidados são ainda mais fundamentais se a análise recair sobre a imprensa do passado. A linguagem, a grafia, a organização editorial e as construções discursivas dos jornais antigos são obstáculos a ser enfrentados pelo professor, mas não motivo para a desistência da utilização de tais fontes documentais. O estudo prévio da contextualização histórica e das condições de produção de um determinado jornal, ou seja, das relações inter, intra e extradiscursivas que cercam a sua publicação, são ações básicas para que o docente possa lançar mão de tal documentação, calcado essencialmente numa bibliografia de apoio e no conhecimento de causa acerca do seu objeto de estudo. Após aparar tais arestas, o professor poderá levar até seus alunos as informações/opiniões contidas no jornalismo de tempos pretéritos, não podendo deixar de lado considerações como as faixas etárias, as etapas de formação e o poder de interpretação/abstração de cada conjunto de estudantes com os quais pretende empreender o trabalho.

Dentre essa enorme gama de potencialidades de análise, uma das possibilidades recai sobre o estudo de jornais locais, propiciando, inclusive, uma comparação entre o jornalismo do passado e o dos tempos atuais. Os periódicos trazem em si uma quantidade praticamente imensurável de dados sobre as vivências humanas nos seus mais variados fundamentos, seja o político, o social, o econômico, o cultural, o ideológico, o religioso, entre tantos outros. A título de exemplo e proposta de trabalho, um dos possíveis estudos a ser levado ao alunado para promover o ensino da História está ligado às formas pelas quais os atores políticos, através dos jornais, construíam suas imagens e desconstruíam a de seus adversários na época imperial da formação histórica brasileira. Após algumas etapas de tendências conciliatórias entre segmentos do partido conservador e do liberal, essas agremiações passariam cada vez mais a se digladiar mais ferrenhamente, notadamente a partir de 1868, quando, a cada inversão partidária no âmbito ministerial, a oposição entre liberais e conservadores intensificava-se (ver

CHACON, 1985: 23-55 e 217-234). Através da imprensa periódica, em grande parte engajada partidariamente, os representantes das duas facções estabeleciam verdadeiro conflito discursivo, promovendo a discussão de suas respectivas formas de pensar e agir. Tal debate pode constituir um instrumento extremamente rico para o ensino da História daquela época, conforme o estudo de caso a seguir, levando em conta o periodismo que se desenvolveu numa cidade sul-rio-grandense do século XIX.

A cidade do Rio Grande representou uma das mais relevantes comunidades gaúchas durante os Oitocentos, constituindo-se no mais importante entreposto comercial da província sulina. Tal desenvolvimento permitiu a existência de um jornalismo de ponta para os padrões da época, com a publicação de folhas com padrões editoriais à altura das maiores cidades brasileiras de então. Esse conjunto de jornais, com coleções remanescentes e conservadas numa das mais antigas instituições culturais gaúchas, a Biblioteca Rio-Grandense, traz em suas páginas um riquíssimo manancial acerca das vivências e sociabilidades do século XIX e, dentre elas, o debate de cunho político-partidário. Os periódicos diários – longevos, de circulação regular e contínua e com significativa capacidade de organização comercial – tiveram níveis variados de aproximação com os partidos, os quais variaram da simples simpatia até o engajamento pleno, estereotipado na figura do “órgão partidário”. Nesse sentido, circularam na comuna portuária os conservadores *Commercial* (1857-1882) e *Echo do Sul* (1858-1934), o liberal *Artista* (1862-1912) e o *Diário do Rio Grande* (1848-1910) que teve uma fase de aproximação com o partido conservador, para, posteriormente, aderir à causa da agremiação liberal (ver ALVES, 2002: 157-363). Mormente a partir de 1868, esses jornais, com níveis variáveis de intensidade, trabalharam na edificação de um confronto discursivo entre liberais e conservadores. Essas disputas partidárias também encontrariam eco junto à pequena imprensa, representada pelo gênero caricato que as apresentava sob uma feição crítica, opinativa e bem-humorada. Tais perspectivas destacadas a seguir de forma sucinta e esquemática podem constituir significativa fonte para o ensino da História da época em questão.

A VISÃO DOS CONSERVADORES

Uma das mais importantes estratégias discursivas da qual os conservadores lançaram mão no combate a seus adversários foi a

de se considerarem como o “partido da ordem”, ou seja, aquele que respeitava as instituições, em oposição aos liberais, buscando legitimação constantemente na memória histórica das convulsões revolucionárias que sacudiram o país à época regencial e tentando imputar toda a culpa por tal instabilidade aos seus inimigos políticos que, por décadas, levariam a pecha de revolucionários, agitadores e deturpadores das instituições vigentes. Além disso, o discurso conservador fazia ampla propaganda de potenciais qualidades de seus sectários, ao passo que aos adversários restava a imputação de todos os qualificativos negativos. Para os conservadores, os liberais seriam desnecessários, uma vez que estes só propalavam a respeito das reformas, ao passo que eram aqueles que efetivamente as realizavam. Além disso, o partido conservador orgulhava-se por promover as transformações nacionais de modo lento, gradual e refletido, contrariamente aos liberais que estariam sempre a gritar por reformas exacerbadas e impensadas. Tais premissas podem ser observadas a seguir.

→ **os conservadores como partidários da “ordem” e da manutenção das instituições nacionais:**

- Argos vigilantes na guarda da tranquilidade pública
- compunham um partido que não cedia à ameaça de revolução, nem à grita inconsiderada de reforma
- defensores da constituição e da monarquia
- eram os propugnadores das doutrinas constitucionais, os amigos da ordem, a qual significava a liberdade coletiva
- representavam o partido que queria e desejava ardentemente o progresso refletido da nação, o engrandecimento e a prosperidade do país, conservando as suas melhores instituições
- realizadores das legítimas aspirações nacionais, aproveitando-se da experiência do passado
- faziam parte da agremiação da ordem que combatia a anarquia
- eram os portadores de idéias compatíveis com a prudência e a moderação, levando o país a seguir na sua marcha sempre progressiva, em direção a um alto ponto de prosperidade, sossego, melhoramentos materiais e importância
- timoneiros prudentes que guiavam o Estado, livrando-o da guerra civil, da bancarrota e até da separação das partes preciosas que formavam o seu todo
- queriam a liberdade plácida e tranquila e não o despotismo,

a república e a licença

- representavam a bandeira da moderação, o paladino das garantias do povo
- integravam a massa compacta de homens sinceros, amigos de seu país que se reuniram para opor um dique à onda revolucionária que pretendia invadir o Brasil em nome da ambição e dos interesses particulares de alguns liberais
- não pretendiam dominar pela força
- jamais obrigariam os brasileiros a empunhar armas contra seus irmãos, querendo a liberdade sem derramamento de sangue

→ **os liberais como representantes da “anarquia”:**

- compunham uma facção anárquica e turbulenta, detentora de tendências maléficas, antimonárquicas e revolucionárias, regida por doutrinas subversivas
- representavam um partido que confundia a liberdade com a anarquia e que defendia a resistência armada, quando fora do poder
- inimigos da ordem e sectários da anarquia
- integravam um agrupamento sem disciplina espiritual que conspirava perpetuamente contra todos os princípios da ordem
- pregoeiros da revolução, procuravam acender o facho das guerras civis, levando à ruína do país e à trucidação das famílias
- falsos apóstolos da liberdade que procuravam na revolução um meio para mais depressa subir ao poder
- energúmenos que desejavam inocular excessos políticos num país embasado na sólida prática de uma liberdade regulada pelas leis
- desejavam a anarquia, a ditadura e a república ensanguentada e descarnada com todos os seus horrores
- portadores de um caráter subversivo e revolucionário, deixando entrever violência, revoluções e sangue
- adeptos do arbítrio e da violência

→ **os conservadores vistos como defensores das reformas paulatinas, moderadas e obtidas como fruto da reflexão, além do que seriam os verdadeiros reformadores da sociedade, pois assim agiriam de forma efetiva e não apenas no campo dos discursos:**

- indivíduos que buscavam o progresso feito com placidez de espírito e segurança, cujas ideias de reformas não constituíam passos arriscados e sim em medidas tomadas a partir de um maduro exame

de suas bases, das possibilidades nacionais, estudando-as para conhecer se poderiam ou não ser dadas com toda a segurança

- obedeciam às leis do aperfeiçoamento lento e gradual da sociedade

- consideravam as reformas como um melhoramento da legislação, um desenvolvimento das instituições e uma consolidação das garantias já consagradas

- a ideia conservadora não era sinônimo de regresso, nem emperramento, e sim, de reflexão, segurança, prudência, patriotismo e progresso pautado, sem entusiasmo louco, pretensioso e egoístico

- eram os verdadeiros liberais, votando leis libérrimas que os liberais tinham deixado esquecidas nos arquivos

- representavam os verdadeiros liberais brasileiros, pois, mesmo sendo alcunhado de partido retrógrado e estacionário, incompatível com o progresso, fora ele que dotara o país com diversas e importantíssimas reformas

- não eram refratários e sim os verdadeiros liberais

→ **os liberais observados como defensores das reformas pelas reformas, realizadas de forma abrupta e sem pensar nas consequências, ou ainda propugnadores das reformas apenas no campo teórico, sem implementá-las na prática:**

- defensores de falsas teorias da liberdade, cujo único padrão político era negar as afirmativas dos conservadores, sendo opositoristas por sistema e vivendo ao capricho de conveniências passageiras

- opressores e anarquistas, quando governavam, o poder não tinha limite, já na oposição, o poder não tinha direitos

- queriam reformas que significariam a ruína do que existia, a perturbação do regime constitucional e o aniquilamento das tradições

- sempre inquietos e exagerados, gastavam suas forças em declamar contra os conservadores, sem inspirar nenhuma confiança

- eram excelentes *fazedores* de ideias, mas absolutamente incapazes de realizá-las

- compunham um partido que não respeitava os próprios ideais, pois, sempre que no poder, esquecia o passado e adormecia nos colchões da indolência, promovendo a decepção e sendo abandonado por não entabular as suas tão decantadas reformas

- renegavam sua própria bandeira, pois seu programa não encerrava uma ideia que pretendessem realizar, e sim um meio de popularidade para subir ao poder, mistificando a opinião pública

- eram um grupo composto de partes heterogêneas, apresentava um manto de arlequim para adornar o seu pretendido ídolo – a liberdade – e, para vencer, renegava num dia o que havia dito no anterior

→ **os conservadores apontados como cidadãos honestos e probos, defensores do patrimônio público:**

- homens da probidade, dignos cidadãos, de consciência pura; no poder, eram cidadãos honestos, políticos de sinceras crenças e partidários firmes e intransigentes nos princípios
- levaram o país ao progresso e melhoramento moral
- homens eminentes, com grandes serviços prestados ao país e de cuja escola política saíram os princípios sempre aplicados no progresso do Brasil
- seu partido reunia em suas fileiras tudo quanto o Brasil possuía de mais ilustrado, benemérito e patriota

→ **os liberais qualificados como dilapidadores das verbas públicas:**

- sinecuras que desfalcavam o erário para satisfazer o número avultado dos famintos convivas que se grupavam à volta da lauta mesa do festim do orçamento
- zangões que devoravam o mel com tanto labor fabricado na colmeia governativa e, passando pelo poder, acabaram com o progresso das finanças, deixando por herança a miséria e os embaraços
- eram uma planta parasita que nascera e se sustentara da seiva da massa da nação

→ **conservadores descritos como políticos que exerciam o direito à expressão do pensamento baseado na verdade da imprensa e como honesto meio de divulgação de ideias:**

- pelejavam com moderação e bravura pela imprensa e pela tribuna, únicos campos de combate que o partido reconhecia para a conquista do poder
- não desciam ao terreno onde as paixões e os ódios se gladiavam, onde os caracteres se abstinham e os homens se amesquinham, observando os preceitos impostos pela lealdade e pelo cavalheirismo, não fazendo do insulto arma de ataque e não procurando vencer pela virulência da palavra
- nunca consentiam que o caráter de seus adversários fosse

atado ao pelourinho da maledicência ou açoitado pelo insulto, ou que fosse derramado o fel amargo da mentira sobre as reputações daqueles

→ **liberais acusados de usarem a imprensa para divulgar mentiras e calúnias, por meio de estratégias difamatórias com intento de denegrir a imagem do adversário:**

- agiam com base na injúria e na intriga e, em vez de combater as ideias, esgotavam sua atividade em impotentes desabafos de desgraçada raiva; utilizavam o insulto por argumento, a injúria por sistema, declamando por estilo e gritando por hábito
- a imprensa liberal convertera-se em buzina difamatória, cujas armas estavam ensopadas no fel, no veneno da injúria e da calúnia, com que tentavam abater os mais nobres caracteres
- combatiam unicamente por vitupérios, inventando e propalando vícios e defeitos que não existiam

A VERSÃO DOS LIBERAIS

Tendo a “liberdade” como palavra de ordem, os liberais muito insistiram no estabelecimento de uma construção discursiva que os alocava como representantes do progresso, ou seja, como aqueles que estariam preparados para as transformações que moviam o mundo, prontos a adaptar o país às novas circunstâncias e conjunturas, ao passo que consideravam os conservadores como retrógrados, que representavam o atraso, com ações anacrônicas em relação aos novos tempos que se avizinhavam. Os defensores do partido liberal buscavam se promover como aqueles que efetivamente poderiam executar as reformas nacionais e não procrastiná-las como estariam a fazer os conservadores. Além disso, qualificavam seus seguidores como homens honestos no trato da coisa pública e imputavam qualidade exatamente oposta aos seus adversários políticos. De acordo com tais concepções, os liberais seriam os homens que contavam com o apoio da opinião pública e estariam prontos para administrar o Estado, ao passo que os conservadores, sem apoio popular, não teriam as mínimas condições de gerenciar o país.

→ **liberais vistos como uma agremiação progressista, preocupada sempre com o avanço da pátria, com ações embasadas na honestidade:**

- defensores de ideais adiantados, liberais e democráticos
- elementos adiantados que se identificavam com o progresso das ideias da época e não consentiam que corresse desaproveitada a grandeza do império de Santa Cruz
- representavam um partido forte e numeroso que promovia a máxima prosperidade do império
- carâteres distintos, incapazes de enganar a alguém

→ **conservadores acusados de malversação dos dinheiros públicos:**

- não tinham patriotismo, nem critério, eram inimigos da pátria, esbanjadores dos cofres públicos, que reduziam o povo à miséria
- ninguém fizera ainda maior mal ao Brasil do que o partido conservador
- convertiam o país num campo de insolentes explorações, cevando sua ambições e cobiça à custa do suor dos contribuintes
- esbanjavam o dinheiro público em proveito dos apaniguados, não o aplicando nas necessidades da nação.
- especuladores que prejudicavam as finanças nacionais e aviltavam os princípios da honestidade e da moralidade

→ **liberais apontados como os propugnadores das reformas necessárias ao avanço do país:**

- defensores do progresso com moralidade e da liberdade que era o lema da bandeira liberal
- levavam em frente a missão de empreender as grandes reformas nacionais, permitindo que o povo viesse a intervir na administração do país, assumindo a responsabilidade de seus destinos

→ **conservadores qualificados de retrógrados, reacionários, não estando prontos para adaptar-se às transformações do mundo:**

- embasados em princípios retrógrados, praticavam uma política rotineira e uma administração timorata
- partido sem ideias, sem princípios, sem objetivo econômico e social, preso à rotina, não estava apto a administrar o país numa época de constante e ininterrupta evolução e desenvolvimento

- mantinham uma ideia única e predominante de resistir a todas as aspirações nacionais, sob o lema da conservação própria

→ **liberais contando com o apoio da opinião pública:**

- partido que estremeceu pela salvação da pátria, reconhecendo a necessidade de modelar seus atos nas bases mais largas da opinião popular

→ **conservadores apresentados como não contando com o apoio ou tendo qualquer identidade com a opinião pública:**

- não era um partido digno das simpatias da nação e das preferências do eleitorado patriota e independente

→ **liberais vistos como políticos de valor e capazes:**

- verdadeiros patriotas, amigos sinceros de seu país
- agremiação que tantos e tão assinalados serviços tem prestado ao Brasil

→ **conservadores imputados de nulidades políticas e maus homens públicos:**

- mediocridades políticas que pouco ou nada faziam pelo país

O OLHAR DA CARICATURA

Sem necessariamente apresentar algum tipo de engajamento partidário, mas com uma visão calcada na crítica política, os jornais caricatos também reproduziram, a seu modo, as disputas entre os partidos conservador e liberal à época monárquica. Unindo o inexorável apelo visual da imagem com manifestações carregadas de espírito crítico, refinada ironia, inquebrantável humor, ferino gracejo e/ou incisivas pilhérias, a imprensa caricata traduziu uma versão caricatural da realidade por ela retratada. A cidade do Rio Grande também teve destaque no gênero caricato, com a publicação de várias folhas que divertiram/infernizaram a sociedade de então. Dentre elas, tiveram maior relevo o *Diabrete* (1875-1881), o *Marui* (1880-1882) e o *Bisturi* (1888-1893), todas folhas com expressiva qualidade editorial para os padrões de então (ver ALVES, 2002: 390-469). Nelas a contenda entre as agremiações partidárias era vista sob o prisma da graça e da crítica, além do tom moralizador, que normalmente os caricatos traziam em seus olhares, como se pode observar nos exemplos a seguir que revelam as amplas possibilidades de uso didático para tais fontes, reforçadas

pela presença da imagem como um potencial catalizador de atenções.

Numa dessas representações, em um ambiente que lembrava um misto de teatral e carnavalesco, as duas frentes partidárias, representando governo e oposição, cercavam o indivíduo que designava o governo e que, fundamentalmente, distribuía as verbas públicas, cada qual fazendo exigências mais acintosas em relação aos seus respectivos interesses (DIABRETE, 9 mar. 1879: 4-5). As duas representações que disputavam a “ceia chamada orçamento” eram simbolizadas por figuras femininas – as “cocotes” –, ou seja, a mulher mundana ou a meretriz elegante, revelando a forma pela qual o jornal pretendia apresentar os atores políticos de então. O contexto teatral ou carnavalesco contribuía ainda mais com tal visão negativa, tendo em vista os preconceitos e moralismos que muitas vezes pairavam em torno de artistas ou frequentadores do carnaval, considerados como lugar e época bastante perniciosos, ainda mais quando se tratava de mulheres (Figura 1).



- Figura 1 -

O mesmo jornal mostrava o confronto entre representantes dos partidos imperiais, como numa tourada (DIABRETE, 20 jul. 1879: 4). Na caricatura, o enfrentamento da habilidade e maestria do toureiro em relação à força do touro, características normais a tal atividade, era substituído pela ironia bem-humorada e crítica em relação a um toureiro cujos movimentos lembravam mais um bailarino, enquanto o touro, metamorfoseado em figura híbrida – humana e animal –, parecia perdido na arena da disputa. Mais tarde, o *Marui* mantinha o espírito crítico, ao mostrar os políticos como crianças chorosas a brigar pelos brinquedos, parte deles completamente destruídos. A figura que representava o governo era caracterizada como um “joão-bobo”, brinquedo que não pode ser derrubado. A legenda era: “A oposição e o governo – Não há meios que possa derrubá-lo. Isto mesmo é para se desesperar!!!...” (MARUI, 10 mar. 1880: 4). Apesar de designados como figuras infantis, na representação dos políticos eles mantinham suas feições adultas, o que só aumentava o tom ridículo que a folha pretendia dar à cena (Figuras 2 e 3).



- Figura 2 -



- Figura 3 -

As disputas político-eleitorais entre liberais e conservadores era também simbolizadas pelo *Marui* como uma rinha de galos, na qual o representante daqueles saía vencedor em relação ao destes. A legenda era direta e incisiva, designando a voz dos vitoriosos: “Canta, meu galo velho! Ainda desta vez triunfaste” (MARUI, 6 nov. 1881: 2). O galo vencedor aparecia em pé, triunfante, dominando com as patas o contendor derrotado. Anos depois, já nos estertores da forma monárquica de governo, o *Bisturi* mostrava cena parecida. Mais uma vez o galo vencedor era o liberal, aparecendo o desenho sobre a sucinta legenda: “Resultado das últimas eleições” (BISTURI, 8 set. 1889: 8). Em ambas as figuras, os galos apareciam como um misto zoomórfico/antropomórfico, ou seja, corpo de animal, mas com cabeça e feições humanas, para facilitar a identificação dos personagens retratados. Na última caricatura, além do galo vencedor, em postura altaneira em relação ao derrotado, aparecia uma terceira ave que, ao largo, espreitava, de barrete frígio, representando os republicanos e refletindo os novos tempos que se avizinhavam. O teor crítico não ficava de fora, já que desenhar as disputas políticas como uma briga de galos não deixava de ser uma forma de menosprezá-las (Figuras 4 e 5).



- Figura 4 -



- Figura 5 -

Assim, tais exemplos podem ser utilizados a contento no que tange às práticas do ensino da História, revelando um brevíssimo estudo de caso acerca da relevância dos jornais antigos como fontes para o aprendizado dessa ciência. O irreversível avanço dos meios de comunicação de massa revela que a sua utilização como objeto de estudo é inevitável para um melhor aprendizado, e seus congêneres do passado, mormente o jornalismo impresso do século XIX, podem também acompanhar tal constatação. Dessa forma, no atual contexto, não é mais possível uma atitude de omissão, negação ou mesmo de desprezo por parte do professor em relação à imprensa periódica, cabendo a ele o papel de decodificador de mensagens e informações, incorporando-as ao processo de ensino e aprendizagem, no dia a dia da sala de aula (FONSECA, 2003: 213). Tais fontes podem trazer em si a viabilidade da realização de ações fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, como despertar o interesse dos alunos, demonstrando a atualidade de fenômenos cronologicamente remotos, capacitar os estudantes no sentido de perceberem a historicidade de conceitos, demonstrar com clareza certos usos e abusos da História, perpetrados por diferentes agrupamentos, e possibilitar a crítica a dogmatismos e “verdades” absolutas que foram plasmadas ao longo da história (PINSKY; PINSKY, 2010: 25-26).

Estes breves fragmentos apresentados, uma vez mediados pelo professor e dosados de acordo com as peculiaridades intrínsecas de seu alunado, podem resultar em profícua experiência no *modus operandi* do ensinar História. A partir deles abre-se a possibilidade de o estudante conhecer um microcosmo da vida brasileira do século XIX e alguns detalhes do cenário político dessa época, podendo fazer ilações e comparações entre política, sociedade, economia e ideologia. Também fica aberta a perspectiva de inter-relações entre o passado e o presente, na medida em que podem ser trabalhados conceitos como o de fidelidade partidária, além de questões presentes hoje em dia como fisiologismo, partidarismo e convicções ideológicas (ou a falta delas), relações de poder e formas de tratamento entre aliados e adversários partidários. O tom crítico dos jornais pretéritos serve ainda, no que tange às interfaces presente-passado, para despertar interesses e percepções referentes a fenômenos recorrentes à história brasileira como no caso da corrupção política. Fica assim expresso um modesto exemplo dos tão amplos caminhos que podem ser traçados a partir da imprensa periódica na ação de ensinar História.

BIBLIOGRAFIA

- ABUD, Katia Maria. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, M. S. M. (Orgs.). *Ensino da História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2007. p. 107-117.
- ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BORGES, Vavy Pacheco et al. *O ensino de História (revisão urgente)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros*. 2.ed. Brasília: Ed. da UnB, 1985.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.
- FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 11.ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da História ensinada*. 13.ed. Campinas:

Papirus, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de história: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, L. (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 54-66.